

PLURALIDADE CULTURAL, CONHECENDO NOVAS CULTURAS COM A DANÇA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO RONDON OPERAÇÃO MANDACARU

LUIS HENRIQUE PORTO OLIVEIRA¹; TAÍS AGUIAR²; GIOVANA COSSIO RODRIGUEZ³; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴; SIDNEIA TESSMER CASARIN⁵

¹*Acadêmico do Curso de História da Universidade Federal de Pelotas –
luissuka.oliveira@gmail.com*

²*Acadêmica do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas –
taisrodriguesdeaguiar@yahoo.com.br*

³*Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas –
giovanaocossio@gmail.com*

⁴*Professora Adjunta do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas –
mandagará@hotmail.com*

⁵*Professora Assistente do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas –
stcasarin@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político que a dança exerce na sociedade. A dança tem como força social, inserir o indivíduo na sociedade e dar uma noção de pertencimento ao mesmo, mostra a “cultura popular” a que ele está inserido e como ele deve se comportar devido às demandas do mundo que está incluído. (MARQUES, 1997).

Para entendermos como o indivíduo se coloca perante a sociedade através da cultura e da dança é necessário compreender que há a influência de muitas culturas, ao longo dos séculos de história do Brasil (índios, europeus, africanos, principalmente). Todo esse multiculturalismo foi o formador da identidade cultural brasileira, destacando o país como um raro mosaico étnico. (LARA, 1998). A partir dessa mestiçagem o Brasil ficou sendo caracterizado como país plural, uma sociedade múltipla com antagonismo nos aspectos sociais, culturais e religiosos. Quando falamos em múltiplas culturas, devemos respeitar as situações sociais, as influências que incorporam aquela cultura, conforme eles são transmitidos a seus membros através de seus códigos. É necessário que em um país plural como o Brasil valorize-se ainda mais essa multiplicidade de culturas e que vire a riqueza nacional.

Nesse contexto, a dança se insere como um mecanismo cultural, carregada de uma linguagem universal, uma vez que ela é o meio de comunicação mais antigo entre os homens, anterior a linguagem oral e escrita, criada por todos os povos do universo com o intuito de criar identidades, e também festejar, idolatrar (LANGDOCK; RENGEL, 2006). Todos esses aspectos perpetram a dança não somente como um conjunto de gestos realizados através de um ritmo, mas como uma transformação cultural, e é capaz de nos localizarmos no mundo, tanto do lado social como histórico.

A dança vem sendo utilizada também como instrumento pedagógico, uma vez que ela é propulsora de uma cultura, e ela tem sua importância na formação dos indivíduos como a criatividade e o desenvolvimento da cidadania. A dança pode despertar o desejo de experimentar algo que o conduza para além das suas vivências e sensações cotidianas. (BARRETO, 1996). A dança deve ser usada como um recurso de conhecimento e transformação.

Esse trabalho objetiva relatar a experiência frente as oficinas de danças típicas desenvolvidas no Projeto Rondon, operação Mandacaru, em janeiro de 2015.

2. METODOLOGIA

O Projeto Rondon visa a integração social da academia com a comunidade, através de trabalho voluntário. É desenvolvido mediante uma parceria entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e o Ministério da Defesa e se estabelece por meio de "operações", as quais são imersões de quinze dias, em média, em comunidades com áreas de grande vulnerabilidade social. As operações ocorrem durante o período de férias letivas de estudantes e professores. As IES encaminham os projetos para o Ministério da Defesa e se capacitam para a operação de acordo com o conjunto a que concorre, sendo o Conjunto A: Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação e Saúde e o Conjunto B: Comunicação, Tecnologia e Produção, Meio Ambiente e Trabalho.

Durante a primeira quinzena do mês de janeiro de 2015, a UFPEL participou de uma das edições do Projeto Rondon, a operação Mandacaru, conjunto A. Essa foi desenvolvida no município de Itapiúna, estado do Ceará. A oficina "Danças Típicas de Salão" foi uma das atividades desenvolvidas pelos rondonistas e estava destinada a comunidade em geral. Participaram das oficinas cerca de vinte pessoas.

A oficina, realizada no município, foi dividida em quatro momentos. O primeiro momento constou de apresentação, através de vídeos, das danças típicas do Rio Grande do Sul. A apresentação da indumentária gaúcha, e explicação sobre de cada utensílio usado pelo nativo do Rio Grande do Sul, além de uma contextualização histórica.

Para que não houvesse uma centralização do conhecimento foi solicitado a um dos participantes, que residia no município, que explicasse aos rondonistas um pouco da cultura local. O segundo momento constou da explicação histórica e cultural de cada dança, e a contextualização delas nas suas regiões. O terceiro momento consistiu em apresentar os passos das danças, para tanto foram escolhidas duas delas: uma vaneira e um chamamé. Foi explicado as influências de cada dança, e foi solicitado ao participante morador da cidade que apresentasse os passos do forró. O último momento foi à apropriação, dos passos das danças gaúchas pelos moradores e dos passos do forró, pelos rondonistas. As oficinas de danças típicas de salão foram trabalhadas em XX encontros. Por fim uma apresentação de uma dança gaúcha, para a comunidade, foi realizada no último dia que os rondonistas tiveram no município, em uma feira cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de fomentar e formar agentes culturais ativos, a oficina de dança teve como caráter principal a formação da cidadania dos participantes, através da cultura. Sabe-se das peculiaridades de cada um dos Estados que compõem a união, desta forma foi priorizada a pluralidade cultural com a finalidade de agregar, e ao mesmo tempo, de mostrar as dicotomias entre as culturas.

Baseados no Plano Nacional de Cultura (PNC), através da oficina, de Danças Típicas de Salão, entende-se que é responsabilidade do professor trabalhar essa temática na comunidade (BRASIL, 1997). Através da exposição e da vivência de culturas diferentes, surge uma demanda social que se faz necessária a tempos, e que possibilita a formação de jovens com comportamento democrático e mais importante, com responsabilidade social (MARQUES, 1997).

Outro fator determinante para o uso de duas culturas em uma só oficina foi à quebra de preconceito entre os Estados do Brasil. Segundo a PNC (BRASIL, 1997) mudar as mentalidades, superar os preconceitos, e por consequência acabar com atitudes discriminatórias, são necessárias para que se tenha um reconhecimento mútuo, o que é incumbência de toda a população. E este fator é importante tanto para os participantes da oficina, quanto para os ministrantes que estão arraigados em contextos completamente diferentes, e como consequência com todos os vícios culturais do cenário que os cercam. Havendo assim algum tipo de preconceito cultural, que deve ser quebrado através de oficinas que demonstre as qualidades e defeitos de cada cultura regional. E que assim forme um país mais plural e menos preconceituoso.

Como resultados mais aparentes, observou-se o interesse de alguns participantes aos hábitos cotidianos do gaúcho, como o hábito de tomar chimarrão e também à algumas expressões linguísticas peculiares do Estado do Rio Grande do Sul (como o “bá” e o “tchê”).

Outra observação é que resultou em um importante resultado, foi a percepção por parte de todos os participantes de que os hábitos culturais se assemelham bastante, apesar de terem certas particularidades. Dentre elas: no trato com a mulher no momento da dança, os passos das danças semelhantes em alguns ritmos. Contudo, ressalta-se que o resultado mais expressivo foi que com a oficina de danças típicas de salão houve a aproximação de dois locais muito distantes: o Rio Grande do Sul (Pelotas) e o Ceará (Itapiúna). Esse fato mostrou que apesar de toda a pluralidade cultural do país, há muitas coisas em comum entre regiões geográficas tão distantes e que devem ser mais trabalhadas nas escolas, ou pelos agentes culturais dos municípios, aproximando mais as pessoas e reduzindo as manifestações de ódio e xenofobia.

4. CONCLUSÕES

Percebemos que as oficinas propostas tiveram impactos importantes na comunidade. Também entende-se que somente as oficinas não são fatores determinantes para quebra de paradigmas já estabelecida pelas sociedades, somente através de um trabalho contínuo pode-se mudar as questões culturais de nosso país. Além disso, não só a mudança é necessária como a apropriação da sociedade de suas culturas, e nutrir para que a sociedade seja protagonista, e que não se torne algo hierarquizado. Somente assim, as pluralidades culturais, serão a identidade brasileira.

É necessário que os agentes de cultura, juntamente com as escolas e órgãos competentes, busquem alternativas para que o esse processo seja um movimento contínuo de apropriação da comunidade. A dança é um dos principais meios para que esse processo se desenvolva, juntamente com as demais formas de expressão cultural. E através dela se conhece novas culturas e nos tornamos pertencentes a nossa cultura, visto que, o homem dança desde os seus primórdios, e utiliza-se dos movimentos para expressar suas convicções, culturas e sentimentos. Para finalizar, sabemos que a oficina foi uma semente que foi plantada para que o município de Itapiúna cada vez mais busque a sua cultura, e que essa busca seja feita pela comunidade. E através dela se acabe com preconceitos de todas as formas.

5. REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora. Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.1, n. 1, p. 111-122, jul./dez. 1998. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000135837>>.

Acesso em: 24 jul. 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

LANGENDONCK, Rosana; RENGEL, Lenira. **Pequena viagem pelo mundo da dança.** São Paulo: Moderna, 2006. 80p.

LARA, L. A dança em construção: Das origens históricas ao método de Paulo Freire. **Lecturas: EF y Deportes**, Buenos Aires, v.3, n.11, p., out. 1998.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd11/danca.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2015.

Marques, I. A. Dançando na Escola. **Motriz**, v.3, n.1, p.20-28, jun. 1997.

Disponível em: <<http://www.esefap.edu.br/downloads/biblioteca/dancando-na-escola-1254151985.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.